

Perspectivas de Identidade e Diferença no Conceito Hegeliano Através das Figuras do Silogismo

Perspectives of Identity and Difference in the Hegelian Concept Through the Figures of Syllogism

CAMILA PALHARES BARBOSA¹

Resumo: O presente artigo tem por objetivo apresentar as premissas hegelianas na doutrina do conceito, especialmente na figura do silogismo a fim de demonstrar como este chega a sua totalidade através da identidade e diferença, isto é, contradição, contido na unidade do ser. Adicionalmente, pretende-se apontar como a figura do outro (*otherness*), através das figuras do silogismo e quando mediada pelo meio termo, é fundamental na constituição da unidade do ser.

Palavras-chave: Conceito. Hegel. Ser. Silogismo. Totalidade.

Abstract: This article aims to present Hegelian assumptions of the doctrine of concept, especially in the figure of syllogism in order to demonstrate how it achieves his totality through identity and difference, *i.e.*, contradiction, restrained in the unity of the being. Additionally, my purpose is to points to how the otherness, by the figures of syllogism and mediated by the medium term, is fundamental to the constitution of the unity of the being.

Keywords: Being. Concept. Hegel. Syllogism. Totality.

INTRODUÇÃO

Na “*Ciência da Lógica*”, Hegel divide em três momentos, dinâmicos e ativos – *Ser*, *Essência* e *Conceito* – a unidade concreta do ser em-e-para-si. No primeiro momento, do *Ser*, Hegel representa a *imediatidade* do sujeito, no momento em que este ainda é vazio de conteúdo, isto é, indeterminado, e representa apenas sua forma primeira para si. No segundo momento, o da

¹ Mestranda PPG-Filosofia PUCRS. E-mail: camilabarbosa.ri@gmail.com.

Essência, o sujeito reflete aquilo que é sua exterioridade, nesse sentido, nega aquilo que não é imediato ao em si, assim através desta reflexão, descobrindo o outro, aquilo que é exterior a sua existência imediata. Neste momento da reflexão, entretanto, a relação com a exterioridade passa a ser parte da unidade que está mediando, isto é, refletindo. Portanto, este segundo movimento é de negação da afirmação. Na doutrina do conceito, por sua vez, a lógica chega em seu momento de completude, e tem sua identidade determinada em-e-para-si, naquilo que Hegel chama de “afirmação da afirmação”. As relações destes momentos são necessariamente justapostos, nesse sentido, o conceito é formado no terceiro momento, onde a afirmação que era meramente formal e imediata no Ser e na *Essência*, adquire conteúdo e determinidade, e os extremos – a saber, interioridade e exterioridade – são retomados como a totalidade da unidade.

Nessa premissa, o abandono da lógica puramente em termos formais, na “*Ciência da Lógica*”, ocorre fundamentalmente dentro do silogismo, que segundo Hegel “engendrou-se com o estabelecimento do conceito e do juízo em com isso, como a unidade e a verdade de ambos” (Hegel, 2015, p. 1). No silogismo, portanto, o conteúdo é colocado em termos racionais, ou como afirma Hegel “o silogismo não é, portanto, apenas racional, mas todo racional é um silogismo” (Hegel, 2015, p.1), em que a forma do silogizar tem em si conteúdo, que primeiramente é imediato e abstrato, mas que assume sua unidade definida e em sua completude após a separação (metodológica) dos extremos. Não obstante, o silogismo na lógica hegeliana, dispõe de três momentos em que as três proposições – a saber, singular, particular e universal – obtêm um relacionamento que os medeiam de tal forma, que a conclusão, isto é, a determinação da unidade, segue necessariamente.

No silogismo, por exemplo, podemos assumir três proposições [P], sendo estas: P1 *essa rosa é vermelha*, e por P2 *vermelho é uma cor*; logo a conclusão que se segue, e segue necessariamente, é que na P3 *essa rosa é colorida*. Nesse sentido, assumimos a P1 como sujeito (S) sendo *terminus menor*, P2 como predicado (P) sendo *terminus maior*, e finalmente o P3 (U) como *terminus médium*. O conceito no momento do silogizar é, portanto, o “*determinado e tem sua determinidade nele deste modo verdadeiro, que ele [o conceito] se diferencia de si e é como a unidade dessas suas diferenças*”

(Hegel, 2015, p. 2), em outras palavras, o conceito medeia e é mediado em sua unidade, que separa suas determinidades interior e exterior, ao mesmo tempo em que este é o mediado e tem em si posto o conceito de sua unidade.

Apenas assim a razão se eleva sobre o finito, condicionado, sensível, ou como se queira determiná-lo de outra maneira, e é nessa negatividade essencialmente cheia de conteúdo, pois ela é a unidade como [unidade] de extremos determinados; mas assim o racional é apenas o silogismo. Assim, inicialmente o silogismo é, como o juízo, imediato; assim, as determinações (termini) do mesmo são determinidades abstratas, simples; ele é, assim, silogismo do entendimento. Se se permanece nessa figura do mesmo, então, sem dúvida, a racionalidade não aparece nele, embora estando aí presente e posta. O essencial do mesmo é a unidade dos extremos, o meio termo que os unifica e o fundamento que os mantém. (Hegel, 2015, p. 3).

Hegel divide os momentos da unidade do silogismo em três figuras, ou seja, três momentos que fazem a abstração da unidade dos extremos que está posta, separando a unidade em interioridade e exterioridade, unificando-os através do meio termo e do fundamento que os mantêm, até que a exterioridade que inicialmente é posta, não seja apenas uma relação exterior, mas que torne “essencial do silogismo” (Hegel, 2015, p. 3). Nesse sentido, pretendo primeiramente apresentar brevemente as três formas do silogismo – o silogismo do ser aí, o silogismo da reflexão e o silogismo da necessidade. Posteriormente, analisarei a ideia de *identidade* e *diferença* em Hegel, através destas figuras do silogismo, principalmente, indicando como este relacionamento mediado no silogismo é central para a constituição da determinidade, isto é, identidade da unidade da estrutura hegeliana.

SILOGISMO DO SER AÍ

No silogismo do ser aí, as determinidades da unidade estão postas de forma imediata e abstrata, e contém apenas uma relação com a outra a partir do meio termo, mas que mantém as determinidades apenas em suas *singularidades*. Nesse sentido, segundo Hegel, “o primeiro silogismo é, portanto, o propriamente formal” (Hegel, 2015, p. 4), onde o formalismo é fundamentalmente a estrutura do próprio conceito, enquanto o conteúdo é a relação entre estes momentos. Os extremos da unidade, no silogismo do ser

aí, são determinados pela *universalidade* e a *singularidade* de forma imediata, enquanto o particular é meio termo, contudo, “a mediação que ele constitui ainda não está posta” (Hegel, 2015, p. 5).

No silogismo do ser aí, a primeira figura a silogizar é representada pela forma S – P – U, ou seja, em que as extremidades da unidade têm como termo médio a *particularidade*, e nesse sentido, suas extremidades contrapostas são idênticas. Para Hegel, nessa primeira figura, pode-se dizer que o significado do silogismo permanece superficial, pois “as determinidades não estão ainda postas aí como unidade que constitui a essência do silogismo” (Hegel, 2015, p. 6).

A singularidade se silogiza com a universalidade através da particularidade; o singular não é imediatamente universal, mas [o é] através da particularidade; e, inversamente, o universal também não é imediatamente singular, mas se deixa rebaixar até a singularidade através da particularidade. Essas determinações se contrapõem uma à outra como extremos, e são um em um terceiro diverso. (Hegel, 2015, p. 5)

Aqui, neste momento de imediatidade indeterminada, Hegel quer demonstrar (i) relação do silogismo interior e exterior, ou que “não pertence mais a si mesmo, mas está em conexão exterior”, (ii) relação entre o objetivo e o subjetivo, (iii) determinação entre formal e conteúdo, em que “cada determinação singular não é o que é”, por fim (iv) a relação de inerência do silogismo, em que “ao singular inere o particular, ao particular, porém, [inere] o universal; por conseguinte, este inere também ao singular”. Nessa primeira figura do ser aí, o conceito (isto é, o gênero) ainda não está exposto, portanto, dá apenas as condições formais para o juízo, onde a relação dos termos se dá em premissas isoladas:

P1 todos os seres humanos são mortais,

P2 Fulano é mortal,

P3 [C] Portanto, ele é mortal.

Fica evidente, portanto, que ainda não há conteúdo da essência, apenas o termos tem a forma da determinação imediata, e a lógica, nesse imediato, abstrai desse conteúdo através da relação mediada. Para Hegel, ainda, “sua determinidade que se relaciona consigo é, por conseguinte, multiplicidade indeterminada, infinita” (Hegel, 2015, p. 10), nesse sentido, Hegel aponta para a infinidade de determinações que podem pertencer a

uma particularidade, e que, no silogismo do ser aí, não tem seu essencial ainda posto.

Na segunda figura, representada por P – S – U, Hegel silogiza através de contingências, que são uma determinidade qualitativa, mas que ainda não indica sua essencialidade, isto é, ainda não é em e para si. Além disto, nesse segundo momento do silogismo do ser aí, há a suprassunção da imediatidade, e sua qualidade está apenas posta na sua exterioridade, desta forma “a mediação, portanto, agora é determinada a conter em si um momento negativo” (Hegel, 2015, p. 17).

Neste silogismo as premissas são compostas por P-S e S-U, contudo, apenas a premissa P-S se encontra ainda na imediatidade da primeira figura, enquanto que a segunda já é uma premissa mediada através do primeiro silogismo, e, portanto, “o segundo silogismo pressupõe o primeiro, assim como, inversamente, o primeiro pressupõe o segundo” (Hegel, 2015, p. 17). Para Hegel, portanto, determinidade do silogismo é retirada de sua particularidade, justamente porque a pressuposição da primeira parte, isto é P-S, é negada.

O sentido determinado e objetivo desse silogismo é que o universal não é um particular determinado em e para si – pois é, antes, a totalidade de seus particulares –, mas é uma de suas espécies através da singularidade; as suas outras espécies são excluídas dele através da exterioridade imediata. Por outro lado, o particular igualmente não é o universal imediatamente e em e para si, mas a unidade negativa remove dele a determinidade e eleva-o, através disso, à universalidade. A singularidade se relaciona negativamente com o particular, na medida em que ela deve ser seu predicado; não é predicado do particular. (Hegel, 2015, p. 18).

Nesse sentido, as determinidades do singular, aqui, ainda são externas, e, portanto, escolhidas livremente e arbitrariamente, ou seja, o silogizador escolhe de forma arbitrária quais serão as qualidades selecionadas. Os termos eu ainda tem uma relação com as determinidade imediatas, portanto, “não avançam através de si mesma para algum significado objetivo, a posição alterada que dois dos mesmos [os termos] obtêm é a forma, que é primeiramente externa a eles” (Hegel, 2015, p. 19).

Na medida em que ele é considerado apenas como um silogismo subjetivo, que ocorre em uma reflexão exterior, ele vale como uma espécie do silogismo que deveria corresponder ao gênero, a saber, o esquema universal S-P-U. Mas ele não corresponde inicialmente a esse esquema; as duas premissas do mesmo são P-S, ou S-P, e S-U; portanto, em ambos os casos, o termo médio está subsumido, ou, em ambos os casos, é o sujeito ao qual ambos os outros termos inerem, então não [é] um meio termo que, em um caso, deve subsumir, ou seja, ser predicado, e, em outro caso, deve estar subsumido, ou seja, ser sujeito, ou [não é um meio termo] ao qual um termo deve inerir, ao passo que ele mesmo deve ser inerente ao outro. (Hegel, 2015, p. 20)

Por fim, uma vez que nesta figura, a relação é tanto positiva quanto negativa, e nessa premissa, é conseguinte que se mantenha uma relação de indiferença para com estas determinidades, isto é, uma relação universal. Aqui a exterioridade singular da figura é a universalidade, que “torna-se outro como o passar do ser” (Hegel, 2015, p. 20), pois é qualitativo e determinado por este.

O silogismo da terceira figura apresenta o déficit do ser aí, pois na figura S – U – P, o “silogismo não tem mais nenhuma premissa mediata” (Hegel, 2015, p. 22). Uma vez que na primeira figura foi mediada pela relação S - U e a relação P – U, conseqüentemente, na segunda figura, esses dois momentos do silogizar já se encontram pressupostos aqui nesta figura. Nesta mediação, portanto, da terceira figura, o silogismo encontra sua determinidade “realizada plenamente”, na qual o silogismo é ainda formal. Nesse sentido, pode-se dizer que o universal que aqui é abstrato, comporta-se como um termo “guarda-chuva”, pelo qual os termos são reunidos na exterioridade, mas a unidade interna dele, contudo, permanece fora da unificação.

Considerado nele mesmo, o silogismo S - U - P é a verdade do silogismo formal; ele expressa que a mediação dele é a abstratamente universal e que os extremos não [estão] contidos no meio termo segundo sua determinidade essencial, mas apenas segundo sua universalidade, antes, portanto, não está silogizado nisso aquilo que deveria ser mediado. Logo, aqui está posto aquilo no qual consiste o formalismo do silogismo, cujos termos têm um conteúdo imediato, indiferente frente à forma, ou [seja], o que é o mesmo, [cujos termos] são tais determinações da forma que não se refletiram ainda até [tornarem-se] determinações do conteúdo. (Hegel, 2015, p. 23).

A forma do conteúdo neste silogismo encontra seus termos imediatos, na qual o universal é indeterminado. Contudo, a abstração deixa de lado as determinidades do conteúdo, pois o meio termo, o universal, subsume o predicado. Segundo Hegel, “uma relação S – U já tem o relacionamento apropriado, também a outra relação U – P obtenha a mesma.” (Hegel, 2015, p. 23). Nessa premissa, Hegel procura demonstrar a relação S – U como problemática enquanto conteúdo, pois este já é errado formalmente, uma vez que “o relacionamento do sujeito e predicado é indiferente, em um juízo negativo [...] Assim, o juízo torna-se legítimo, mas a conclusão [se torna] necessariamente negativa” (Hegel, 2015, p. 23).

Para resolver o problema da mera abstração, demonstrado na terceira figura, Hegel utiliza na quarta figura, a saber, U – U – U, a forma de relacionamento “sem relacionamento”, isto é, os termos encontram-se em igualdade. Na quarta figura do silogismo do ser aí, o qualidade antes posta na terceira figura é abstraída, e nesse sentido, os termos exteriores se igualam, portanto, sem relacionamento de mediação. Este silogismo também é chamado por Hegel de silogismo matemático, onde “se duas coisas ou determinações são iguais a uma terceira, elas são iguais entre si”, essa igualdade, portanto, faz com que o meio termo que medeia o silogismo seja indiferente, uma vez que será o mesmo. Para Hegel, contudo, o silogismo matemático é pressuposto por axiomas e, portanto, são em e para si, e não precisam de nenhuma prova de mediação com o outro. Entretanto “essa determinação não diz nada a respeito do próprio silogismo e é completamente externa” (Hegel, 2015, p. 25).

Linhas, figuras que são equiparadas uma à outra, são entendidas apenas conforme sua grandeza; um triângulo é equiparado a um quadrado, mas não como triângulo ao quadrado, e sim unicamente conforme a grandeza, etc. Igualmente o conceito e suas determinações não adentram nesse silogizar; com isso nada é compreendido de modo algum; o entendimento não tem diante de si nem mesmo as determinações formais, abstratas do conceito; a evidência desse silogismo repousa, portanto, apenas no fato de que ele é assim escasso e abstrato em termos de determinação do pensamento. (Hegel, 2015, p. 26)

Hegel afirma, portanto, que o silogismo do ser aí “não é meramente a abstração de todas essas determinidades”, mas da negatividade surgiu uma positividade abstrata, isto é, meramente formal. Contudo, essa

negatividade no silogismo do ser aí, excluí formalidades meramente qualitativas e matemáticas, mas essas figuras do silogismo formam um círculo onde “os silogismos fecham um para com o outro, é o retorno desse pressupor pra si mesmo, que nisso, forma uma totalidade” (Hegel, 2015, p. 27).

SILOGISMO DA REFLEXÃO

No silogismo da reflexão, Hegel supera a imediatidade do silogismo ser aí e a abstração das determinidades, e, portanto, a determinação do mesmo aparece também na outra. Na reflexão, as determinidades não se apresentam apenas como um singular abstrato, mas as determinidades dependem fundamentalmente das relações de uma com a outra, ou seja, da determinidade concreta. Os termos que era mediado pela particularidade, está aqui, posto como totalidade, e tem portanto, os extremos da unidade como “reflexão que os inclui dentro de si” (Hegel, 2015, p. 36).

Além disto, enquanto no silogismo do ser aí apenas a espécie era posta na imediatidade das figuras, no silogismo da reflexão Hegel assume as determinidades postas como “universalidade pura e singularidade refletida dentro de si” em que o gênero é assumido, ainda que de forma imediata. Nessa premissa, neste silogismo o meio termo ainda é a particularidade abstrata que coloca frente a frente, tem “a determinidade própria da forma apenas na medida em que o meio termo está posto como a totalidade das determinações”.

A partir dessa determinidade dos extremos que pertence ao curso da determinação do juízo engendra-se o conteúdo mais preciso do meiotermo, que é o que importa essencialmente no silogismo, pois ele o diferencia do juízo. Ele contém 1. a singularidade, 2. mas ampliada para a universalidade, como todos, 3. o gênero, a universalidade que está no fundamento, que unifica pura e simplesmente dentro de si a singularidade e a universalidade abstrata. (Hegel, 2015, p. 36)

A primeira forma do silogismo da reflexão é o *silogismo da totalidade*, em que alcança-se o entendimento da totalidade, isto é “da perfeição”, contudo, ainda não chega na universalidade de seu conceito. No silogismo da totalidade, a particularidade está posta enquanto concreta e o singular contém a universalidade externamente, enquanto a universalidade ainda

contém a singularidade como um “singular”. Nesse sentido, podemos dizer que na universalidade a reflexão mantém as determinações particulares dentro de si, portanto, a totalidade é da reflexão exterior e não do conceito enquanto totalidade em si.

Entretanto, Hegel afirma que “esta perfeição da reflexão do silogismo o torna justamente uma mera ilusão” (Hegel, 2015, p. 38), pois os singulares são múltiplos e infinitos, e o sujeito tem seu predicado enquanto consequência, desta forma, pela conclusão do predicado – que é premissa maior aqui – o sujeito obtém sua conclusão. Nesta premissa maior, sugere Hegel, já está o erro:

P1 Todos os seres humanos são mortais

P2 Agora, Fulano é um ser humano,

P3 [C] Portanto, Fulano é mortal.

A crítica de Hegel aqui segue na forma consequencial na qual a conclusão é tomada, pois uma vez que a premissa maior é tomada como correta, a conclusão precisa ser já correta em si, pois esta confirma a premissa maior. Ou seja, aqui a questão é “antes de a premissa maior valer como correta, há previamente a pergunta se aquela conclusão mesma não seria uma instância dela” (Hegel, 2015, p. 39).

No silogismo da totalidade, portanto, permanece o esquema S – P – U, uma vez que este é ainda mediado pela particularidade. Contudo, no *silogismo da indução*, é mediado pelo singular, através da figura U – S – P, em que a singularidade passa para a universalidade, ou seja, é “posta como a sua determinação contraposta, a universalidade” (Hegel, 2015, p. 40). Nessa premissa, a contradição do silogismo está na infinitude do singular, pois na indução da conclusão de uma amostra há uma má infinitude problemática, representada pelo etc..

O outro extremo pode ser o gênero imediato, como ele está presente no meio termo do silogismo precedente ou no sujeito do juízo universal e que se esgotou nas singularidades completas ou também nas espécies do meio termo. De acordo com isso, o silogismo tem a seguinte figura:

s

s

U - P

s

s

ao

infinito. (Hegel, 2015, p. 40)

Portanto, aqui o meio termo é composto por todos os singulares possíveis [n], e representam todo o universal objetivo, isto é, “o gênero como colocado ao extremo” (Hegel, 2015, p. 40). Através do relacionamento entre S – U, o singular passa para o universal, e tem, portanto, seu gênero imediato determinado enquanto determinidade universal ainda na subjetividade, que segundo Hegel tem “o significado objetivo desse assim como de outros silogismos é apenas seu conceito interior e não está posto aqui” (Hegel, 2015, p. 40).

Entretanto, Hegel aponta que pela indução aparece o progresso à má infinitude, em que os termos da relação S – U precisam ser postos enquanto idênticos, contudo, enquanto identidades imediatas que necessitam serem opostos, estes têm tornam-se idênticos e ao mesmo tempo não idênticos.

A determinação fundamental da indução é de ser um silogismo; se a singularidade é tomada como [determinação] essencial, mas a universalidade é apenas como determinação externa do meio termo, então o meio termo se desfaz em duas partes não ligadas, e nenhum silogismo estaria presente; essa exterioridade pertence, antes, aos extremos. A singularidade só pode ser meio termo como imediatamente idêntica à universalidade; uma tal universalidade é propriamente a universalidade objetiva, o gênero. (Hegel, 2015, p. 43).

A terceira figura do silogismo imediato é o *silogismo da analogia*, em que o singular torna-se universal concreto pela mediação conforme S – U – P. Nessa figura, o meio termo não é mais representado por qualidades singulares determinadas, mas a universalidade contém a reflexão dentro de si, e torna-se um universal concreto. Nesse sentido, esta forma do silogismo apresenta pela concretude um conteúdo empírico. Hegel apresenta, não obstante, a superficialidade do silogismo da analogia através das proposições P1 *A terra tem habitante*; P2 *a lua é uma terra*; e P3 – conclusão – *então, a lua tem habitantes*; e afirma que primeiro, os dois termos são tomados como um singular só, e o segundo apenas como um predicado,

portanto, a qualidade dos termos é tomado “apenas como uma mera semelhança” (Hegel, 2015, p. 44).

Mas no próprio silogismo não importa o conteúdo empírico, e fazer da sua própria forma o conteúdo de uma premissa maior é tão indiferente quanto se se tomasse por isso todo e qualquer outro conteúdo empírico. Contudo, na medida em que no silogismo da analogia não deveria ser importante aquele conteúdo que não contém nada senão a forma peculiar do silogismo, tampouco isso seria importante no primeiro silogismo, [ou seja,] não seria importante aquilo que faz do silogismo o silogismo. (Hegel, 2015, p. 44).

Nessa premissa, o que é fundamental para a analogia é a forma do silogismo, mais que seu conteúdo empírico, pois o próprio empirismo considerado nesta figura é o conteúdo da forma por si. A reflexão dos termos singulares e universal na analogia ainda está posto em positividade, e não pela negatividade que determina a negatividade do gênero. Nesse sentido, Hegel afirma que a conclusão da analogia já está pressuposta nas proposições, pois “a conclusão se mostra igual a premissa” (Hegel, 2015, p. 47).

O singular, todavia, não é unificado na reflexão com a universalidade, mas ao contrário, a negação do singular é fator externo a universalidade. Assim, a universalidade é em e para si, isto é, concreta; mas no silogismo da reflexão que é de forma geral apresentado na figura de P – S – U é mediado pelo singular como determinação essencial. Mas na medida em que o meio termo passa para universalidade concreta, o silogismo da reflexão torna-se o da necessidade, isto é, passa para S – U – P.

SILOGISMO DA NECESSIDADE

A universalidade que no silogismo da reflexão tornou-se concreta, uma vez que é o meio termo no silogismo da necessidade, torna este silogismo cheio de conteúdo, em que tem em sua reflexão tem a determinidade dos extremos dentro se si. Nesse sentido, o meio termo passou para o interior e as determinações do conteúdo são os mesmos da forma externa e portanto, “aquilo pelo qual os termos se diferenciam é como forma externa e inessencial, e eles são como momentos do ser aí

necessário”. Aqui o conteúdo é colocado, ao menos inicialmente, de forma imediata, nessa premissa, dá-se através de uma relação que está posta.

Com isso, a lógica do silogismo entra no terreno lógico do conceito. No silogismo da necessidade, a determinação do conceito da coisa se realiza, de acordo com o qual a dirimição nos extremos do singular e sua determinação universal é apenas uma diferença formal de um idêntico sob o ponto de vista do conteúdo, de modo que cada momento do conceito da coisa é o conceito inteiro ou a totalidade do conceito da coisa. Até agora, o meio termo estava distinguido não apenas de modo formal, mas também de modo contedístico frente aos extremos. (Iber, 2015, p. 1)

A primeira forma do silogismo da necessidade é o *silogismo categórico*, em que o sujeito é silogizado no predicado por meio de sua substância em e para si, neste sentido, também poder ser tomado como *silogismo da inerência*. Primeiramente o silogismo categórico está posto na figura S – P – U, onde o predicado medeia a relação de diferença entre os extremos que agora já estão determinados, mesmo que na imediatidade. O meio termo, portanto, “é a natureza essencial do singular, e não qualquer das determinidades ou propriedade do mesmo [singular], e igualmente o extremo da universalidade não é qualquer universal abstrato [...] e sim a determinidade universal” (Hegel, 2015, p. 51).

No silogismo categórico já há a identidade específica do gênero, que está ainda na imediatidade como identidade da forma. Neste momento, portanto, a essência do conteúdo passa a percorrer todos os termos da figura, e estes estão em relação idêntica uns com os outros em e para si. Na medida em que é cheia de conteúdo, no silogismo categórico a subjetividade é suprasumida pela identidade objetiva, que revela, segundo Hegel, “o subjetivo do silogismo consiste no subsistir indiferente dos extremos frente ao conceito, ou seja, meio termo”. Os extremos passam, então, a ter autonomia em uma mesma identidade, sendo “aquela universalidade substancial o gênero” (Hegel, 2015, p. 51).

Mas há ainda isto de subjetivo neste silogismo, que esta identidade é ainda como a [identidade] substancial ou como conteúdo, não ainda, ao mesmo tempo, como identidade da forma. Por conseguinte, a identidade do conceito é ainda [um] nexu interior, portanto, como relação, ainda necessidade; a universalidade do meio termo é identidade sólida, positiva, não igualmente como negatividade de seus

extremos. De modo mais preciso, a imediatidade desse silogismo, que não está ainda posta como o que ela é em si, está assim presente. O propriamente imediato do silogismo é o singular. (Hegel, 2015, p. 52)

Nesse sentido, portanto, o singular está contido no gênero, isto é, no meio termo que o medeia, contudo, segundo Hegel, mesmo que sob o mesmo gênero este singular continua um plural indeterminado, ou seja, “é, por conseguinte, contingente que somente este singular esteja posto sob ele como subsumido” (Hegel, 2015, p. 52). Essas contingências contidas no singular, contudo, são estão postos meramente na exterioridade, mas ao contrário, fazer parte da “efetividade subjetiva”, isto é, está posto nos meios termos do silogismo. Hegel também afirma que nessas contingências do singular contém as “determinações que não estão contidas no meio termo como na natureza universal; portanto, ele tem também uma existência diferente” (Hegel, 2015, p. 52). Essa existência específica indiferente é, ainda assim, essencial em sua totalidade, mas não contém os predicados essenciais. Nesse sentido, o tem uma imediatidade diferente dele e uma existência diversa.

O que, com isto, está posto no silogismo categórico são, por um lado, os extremos em um relacionamento tal com o meio termo que eles têm em si [uma] universalidade objetiva ou [uma] natureza autônoma, e são, ao mesmo tempo, como imediatos, portanto efetividades indiferente um para com o outro. Mas, por outro lado, eles estão igualmente determinados como [extremos] contingentes, ou seja, sua imediatidade está determinada como suprasumida na identidade deles. (Hegel, 2015, p. 53)

No segundo momento do silogismo da necessidade, o *silogismo hipotético*, a imediatidade antes relacionada é excluída dos termos relacionados e passa a expressar a relação de justaposição dos termos. Nesse sentido, a relação no silogismo hipotético contém a afirmação da relação em e para si, sem conter o conteúdo do ser. Este ser, aqui, portanto, é considerado apenas em sua imediatidade, diferentemente dos termos da relação, que aqui é concreta. Hegel expõe que na premissa maior P1 Se A é, então B é; premissa menor P2 Mas A é, então, por conseguinte, a conclusão, isto é, a P3 Logo B é. O silogismo não contém apenas uma mera relação imediata entre o sujeito e o predicado, ou seja, entre A e B, mas a própria unidade que faz a mediação da relação já está preenchida de conteúdo.

O fato de que o meio termo seja uma unidade preenchida, alude ao conteúdo substancial (isto é, o universal objetivo); o fato de ele ser uma unidade que medeia significa que o conteúdo deve adquirir a forma de uma atividade de mediação. O aspecto significativo do silogismo hipotético é que o meio termo – “o ser de A” – deve assumir, ao mesmo tempo, tanto a forma da relação (a necessidade) quanto a forma de um termo relacionado ou extremo, de uma “mera imediatidade” (§78) ou “necessidade que é (ênfase minha)” (§81), a saber, de um termo existente que condiciona ou torna necessária a existência de um outro termo (o B da conclusão). (Orsini, 2015, p. 1).

A relação que está posta aqui, portanto, com ambos os lados extremos do silogismo com o mesmo conteúdo, eles estão idênticos enquanto singularidade e enquanto universalidade. Por isso, pode-se considerar que a primeira premissa, ou seja, A, é causa da segunda premissa, ou mesmo tempo que em a segunda premissa, B, é a causa de um efeito necessário em A. Nesse sentido, para Hegel “o relacionamento mais preciso que aqui foi assumido entre ambos os lados como relacionamento na condição com o condicionado”, logo, o universal assume determinações em ambos os lados.

No silogismo hipotético, então, o meio termo contém em si um momento fático, ou seja, não é meramente interior, mas é a própria mediatidade. Segundo Hegel, a conclusão da P3 é um ser imediato, mas é mediado através de outro, portanto há uma contradição inerente ao silogismo hipotético, na origem do termo que medeia, nesse sentido, afirma “apenas como o necessário [ele é] [meio termo] diferente da necessidade, na forma inteiramente superficial da singularidade frente a universalidade” (Hegel, 2015, p. 56).

A é agora o ser que medeia, enquanto ele é, em primeiro lugar, um ser imediato, uma efetividade indiferente, mas, em segundo lugar, na medida em que ele é igualmente como um ser contingente em si mesmo, [um ser] que suprassume a si. O que traduz as condições para a efetividade da nova figura da qual elas são condições é o fato de elas não serem o ser como o imediato abstrato, mas o ser no seu conceito, inicialmente o devir, - mas, pois o conceito não é mais o passar, mais determinadamente a singularidade como unidade negativa que se relaciona consigo. (Hegel, 2015, p. 55).

A relação que se apresentou primeiramente imediata torna-se a relação entre necessidade e o necessário, ou seja, faz a conexão da forma e do conteúdo através do relacionamento que medeia os termos do

silogismo. Hegel chama de “a atividade da forma do traduzir” essa relação que faz a transposição do ser de A e de B como sendo causa e efeito, necessariamente, sendo esse condicionado, parte substancial da identidade tanto do ser B, quanto do ser A, ou seja, “a causa põe o efeito, na medida em que ela subsiste como causa” (Orsini, 2015, p. 13). A atividade referida por Hegel, então, é a posta pela unidade negativa que é refletida dentro de si, e não exteriormente, nesse sentido, atividade e negatividade se correlacionam. Pois é justamente através dessa atividade da negatividade que necessidade torna-se o necessário, e a unidade é composta de conteúdo “idêntico a si do meio termo” (Orsini, 2015, p. 14).

É apenas na figura do *silogismo disjuntivo* que a identidade da unidade é exposta e chega a sua universalidade explicitamente concreta. O silogismo disjuntivo se dá pela figura S – U – P, em que o meio termo é concreto e preenchido como a forma, ou seja, “ele se determinou como a totalidade” (Hegel, 2015, p. 57). Aqui, portanto o meio termo torna-se idêntico, e tanto singularidade, universalidade e particularidade são o termo médio. O gênero da unidade torna-se explícito, contudo, tanto em sua universalidade quanto em sua particularidade. Nesse sentido, Hegel afirma:

A, que é tanto B quanto C quanto D. Mas a particularização é, como diferenciação, também o ou-ou de B, C, e D, unidade negativa, o excluir-se recíproco das determinações. – Além disso, agora, esse excluir não é apenas um excluir-se recíproco, nem a determinação é meramente uma determinação relativa, mas é também essencialmente determinação que se relaciona consigo, - o particular como singularidade com exclusão das outras. A é ou B ou C ou D, mas A é B; portanto, A não é nem C nem D. Ou também: A é ou B ou C ou D, mas A não é nem C nem D; portanto, é B. (Hegel, 2015, p. 58)

Nessa premissa, o meio termo não aparece mais apenas na relação dos extremos, isto é, na premissa maior e na premissa menor, mais aparece também mediando a conclusão. Esse conteúdo, portanto, não é mais simples como posto no silogismo hipotético, mas já se desenvolveu em relação aos momentos diferentes do silogizar. Também, o silogismo disjuntivo supera a necessidade da exterioridade do conceito (S – P – U), pois este já se dá por si, e, portanto, todos os termos da figura são capazes de mediar de forma idêntica o silogismo.

A atividade do silogizar que antes estava posto enquanto negatividade, aqui chega na sua conclusão como afirmativa, isto é, “seja

qual for o lugar onde o silogismo disjuntivo ressalta o positivo e o negativo, ambos os momentos devem estar presentes nele” (Orsini, 2015, p. 4). Nesse sentido, para Hegel no silogismo disjuntivo o conceito está posto na sua totalidade em que “os extremos são somente como um ser posto ao qual não compete mais qualquer determinidade própria frente ao meio termo” (Hegel, 2015, p. 58). A forma do silogismo é idêntica ao conteúdo sólido do conceito, de forma que a exterioridade negativa passa a ser indiferente e ao mesmo tempo igual.

As figuras do silogismo apresentam cada determinidade do conceito singularmente como o meio termo, que, ao mesmo tempo, é o conceito como dever ser, como exigência de que o que medeia seja a totalidade dele. Contudo, os diversos gêneros de silogismo apresentam os graus do preenchimento ou concreção do meio termo. [...] Com isso, realizou-se o conceito em geral; mais determinadamente, ele ganhou uma realidade tal que é objetividade. (Hegel, 2015, p. 59).

É nessa premissa, nesta finalização do processo do silogizar, que Hegel apresenta a identidade do conceito enquanto “sua interioridade com sua exterioridade”, onde o conceito do silogismo torna-se completo. A mediação, posta nos demais silogismo, é então suprasumida, pois “produziu a si mesmo a partir de seu ser outro e no seu ser outro” (Hegel, 2015, p. 61), tornando-se “em e para si”, objetivamente.

CONCLUSÃO

A estrutura de Hegel revela sujeitos que se relacionam com objetos do mundo enquanto conhecimento através do conceito, a objetividade do conceito, que é então formado após o fechamento do silogizar, conduz a “um princípio ativo acerca da realidade, fazendo dela o que é” (Taylor, 1975, p. 298). Nesse sentido, o conceito quando posto enquanto totalidade compõe as determinidades de si e da exterioridade, isto é, gera conhecimento acerca, do mundo concreto exterior.

Como demonstrado nas figuras do silogismo, Hegel relaciona a universalidade do conceito com as determinidades, isto é, particularidades da exterioridade, e assim, essas particularidades que estavam posta na exterioridade tornam-se idênticas ao ser [self] através do conceito. Para que a unidade do conceito passe da imediatidade para a totalidade, portanto,

não basta apenas considerar proposições a partir da figura S – U – P do silogismo disjuntivo, mas precisa necessariamente passar por todo o ciclo fechado do silogizar. Os momentos do silogismo, portanto, formam um ciclo fechado pelo qual conceito pode ser revelado, pois é apenas após o ciclo ter sua completude, que a identidade da unidade, isto é, o meio termo do conceito, e a diferença, isto é, as particularidades exteriores a unidade, são explicitamente revelados.

A identidade do conceito é aquilo que através das dinâmicas da estrutura hegeliana – a saber, a imediatidade do ser, a negação deste através da diferença dos seus termos extremos à exterioridade, e a explicitação da forma idêntica dos termos dentro de si – tornam o conceito a totalidade em e para si. Contudo, apensar de que na última figura do silogismo, isto é, o silogismo disjuntivo, a unidade tem seus termos mediados dentro de si, ou seja, sem silogizar a exterioridade, aquilo que no imediato foi completamente externo, diferente da unidade do conceito tornou-se parte necessária deste conceito. Nesse sentido, a atividade de afirmação dentro de si que compõe a unidade do conceito tem como efeito necessário a sua subsistência a negação daquilo que está fora do ser em e para si, por conseguinte, a dialética proposta por Hegel torna a identidade do ser um processo dinâmico que é causa e efeito do relacionamento da unidade do conceito com sua exterioridade, tanto pela negação quanto pela afirmação.

Muitos autores apontam para Hegel como um essencialista das premissas humanas, e conseqüentemente, da natureza, contudo a estrutura dialética que forma a identidade de uma unidade é estruturada de tal forma que o diferente passa a ser um fator necessário para constituição da totalidade. E, uma vez que essa estrutura dialético-especulativa é posta de forma autônoma e dinâmica, o self está constantemente num processo de concretização de sua objetividade. Não à toa, muita literatura focada na não-identidade, especialmente a leitura pós-moderna, são influenciadas por Hegel, na medida em que a diferença é parte da identidade *per se*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HEGEL, Friedrich. *Terceiro Capítulo: O silogismo*. Tradução: Iber, C. Orsini, F. Miranda, M. Bordignon, M. Bavaresco, A. Seminário Filosofia & Interdisciplinaridade, PUCRS 2015/2.

IBER, Christian. *Resumo C. O silogismo da necessidade*. Seminário Filosofia & Interdisciplinaridade, PUCRS 2015/2.

ORSINI, Federico. *O silogismo hipotético*. Seminário Filosofia & Interdisciplinaridade, PUCRS 2015/2.

TAYLOR, Charles. *Hegel*. Cambridge University Press: Cambridge, United Kingdom, 1975.